

A Missão da Igreja no Brasil

V Semana de Reflexão Teológica

Compilado por P. CLAUDIO LUIZ BINS, S. J.

A Faculdade de Teologia Cristo Rei, juntamente com o seu Centro Acadêmico, José Mors, promove anualmente, desde 1967, uma "Semana de Reflexão Teológica". Durante quatro dias intensos, especialistas em diversos ramos, professores de teologia e matérias afins, agentes de pastoral e estudantes de nível universitário refletem juntos sobre um tema de importância atual. Em anos anteriores focalizaram-se os temas: "Teologia do Vaticano II", "Secularização", "Sacerdócio", e "Teologia da Esperança" (*)

Em íntima conexão com os temas das Semanas anteriores e de modo especial com o da "Teologia da Esperança", e por proposta dos participantes desta última, escolheu-se para assunto da "V Semana de Reflexão Teológica" A MISSÃO DA IGREJA NO BRASIL.

No mundo paradoxalmente sacral e secularizado em que nos encontramos, no ambiente sócio-político-econômico em que estamos, em meio às divergências de opções pastorais e teológicas, na diversi-

dade e complexidade de situações em que vivem os cristãos de nossa pátria, seria uma ambição infantil querer abordar em quatro dias todos os assuntos relativos ao tema, resolver os problemas e dar soluções prontas para a Missão da Igreja no Brasil.

Intencionou-se com a Semana, com as colocações dos conferencistas e as reflexões em comum, detectar **algumas** linhas mestras da missão da Igreja no Brasil. Para tanto era necessário conhecer um pouco a realidade religiosa brasileira, suas origens, condicionamentos e evolução; era necessário ter presente os desafios sócio-político-econômicos à missão da Igreja em nossa pátria; era necessário ver tudo isto à luz do mistério da Igreja.

Poderia causar estranheza o fato de não se ter abordado especificamente a missão do sacerdócio ministerial. A comissão organizadora, entre outros motivos, excluiu este tema por ter ele sido o objeto de estudo da III Semana.

A avaliação positiva dos participantes, tanto em relação ao de-

(*) Algumas conferências proferidas nas Semanas sobre a "Secularização", o "Sacerdócio" e todas sobre a "Teologia da Esperança" foram publicadas na revista da

Faculdade: "Perspectiva Teológica" I (1969) n.º 1; II (1970) n.º 2; III (1971) n.º 4, respectivamente).

volvimento do temário, como às conferências, nos permitem concluir que o objetivo da Semana foi alcançado: des-cobrir, des-velar **algumas** pistas, princípios e critérios para a Missão da Igreja no Brasil. Apresentamos a seguir, não conclusões (pois em nenhum momento foi esta a intenção da Semana), nem as mencionadas pistas, princípios e critérios (para conhecê-los, sem distorcê-los, é necessário ler as palestras, que dentro em breve serão publicadas pelas Edições Loyola), mas simplesmente um breve resumo das palestras.

Impossível compreender a missão da Igreja sem tentar penetrar na realidade de seu mistério: **"O mistério da Igreja na história"**. Este tema foi escolhido para ser tratado em primeiro lugar a fim de iluminar as subseqüentes palestras e reflexões. **P. Karl Josef Romer**, Doutor em Teologia, professor de Teologia no Instituto de Teologia de Salvador, Bahia e na PUC do Rio de Janeiro, desenvolveu o assunto. Romer, partindo da constatação de que a Igreja está ainda em busca de uma compreensão mais plena de seu próprio mistério, e em busca de uma mais plena fidelidade à história humana, abordou na primeira parte as acentuações e tendências da auto-compreensão da Igreja nos últimos séculos e nos dias de hoje. Tendo assim evidenciado que a concepção e vida do mistério da Igreja dependem também das circunstâncias históricas, Romer passa a focalizar, na segunda parte, o aspecto cristológico-divino da Igreja. Acentua, conseqüentemente, a necessária, contínua e radical re-novação da fé (e não simples mudança superficial: re-forma), fé "que de um lado é

'conhecer a Deus e o Cristo' (Jo 17, 3) e, portanto, comunhão, oração e gratidão; e de outro lado é obediência de amor, entrega a Deus e a Sua obra na humanidade a salvar". "A Igreja é a visibilidade sacramental do mistério divino na história da humanidade, chamada em Cristo". Em outras palavras: "A Igreja é o mistério que ela prega, o mistério da história". Na terceira parte — "a Igreja é a história do mistério" —, o autor diz: "sob pena de trair o divino-eterno, a Igreja deve se comprometer com a história contingente. Sem este compromisso com o concreto histórico, a Igreja deixaria de ser a presença sacramental do mistério". A Igreja é histórica, é a história do mistério, tanto porque o próprio Espírito Santo a introduz sempre mais na "verdade", como também porque sempre mais há de encarnar-se, assumir e transformar a humanidade inteira, comprometer-se com os projetos humanos concretos, sem entretanto absolutizá-los, para o que é necessário conservar a suficiente distância crítica, o discernimento. Concluindo, Romer diz que a história humana é em vários sentidos história divina, história do mistério, do "mistério da Graça, pelo qual somos salvos, ou perante o qual somos culpados".

Para descobrir a missão da Igreja no Brasil é necessário conhecer, pelo menos em grandes linhas, a origem e os condicionamentos históricos e étnico-culturais da Igreja em nosso país. **P. Herbert E. Wetzel**, Doutor em História Eclesiástica e professor de Patrologia e História Eclesiástica na Faculdade de Teologia Cristo Rei e na PUC do Rio de Janeiro, desenvolveu o tema: **"O condicionamento histórico étnico-**

cultural da Igreja no Brasil". Tendo abordado as origens da Igreja nos primórdios da história de nossa pátria, Wetzel trata o problema da conversão dos índios e a relação da escravidão com a formação da igreja no Brasil. Desenvolve a seguir a espinhosa questão das relações entre Igreja e Estado, nas suas diversas fases históricas. Finaliza sua palestra sintetizando em grandes traços a história da Igreja no Brasil.

P. Arthur Rabuske, licenciado em letras anglo-germânicas e dedicando-se há anos ao estudo da colonização alemã e do trabalho jesuíta, em sua fase moderna, no Rio Grande do Sul, apresentou **"A contribuição teuta à Igreja Católica no Rio Grande do Sul"**. Partindo da constatação de que a situação da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, por diversos motivos, era lastimável antes da vinda do imigrante alemão e de seu mentor espiritual na língua de sua origem, Rabuske julga poder descobrir e mostrar que a presença teuta serviu de fermento inicial para o resto da Igreja Católica no RS, transformando-a, pouco a pouco, no sentido ou rumo de uma vida cristã mais autêntica e estruturada. Esta renovação deu-se, em parte, a partir das paróquias do interior rural rio-grandense, com suas inúmeras comunidades filiais. Elas foram fundadas e mantidas, durante mais de meio século e como que com exclusividade, por jesuítas missionários da Áustria, Suíça e Alemanha.

A influência desta renovação não atingiu unicamente o culto, mas também o campo educacional, econômico e social, o que denominaríamos hoje: promoção integral do

homem e da comunidade.

O autor, concluindo a sua exposição, sintetizou a influência teuta na formação da Igreja Católica no Rio Grande do Sul a uma tríplice contribuição: primeira, a renovação da vida religiosa-católica, máxima na família; segunda, a reorganização eclesial da comunidade paroquial e de suas filiais; terceira, como consequência das duas primeiras, a suscitação de numerosas vocações sacerdotais e religiosas.

Querendo refletir sobre a missão da Igreja no Brasil, não se poderia deixar de tomar em consideração tanto a religiosidade popular, como o fenômeno dos messianismos. Estes dois temas ocuparam a manhã do segundo dia.

Frei Francisco Cartaxo Rolim O. P., formado em sociologia na França, pesquisador em sociologia religiosa, abordou o tema: **"Religiosidade Popular Brasileira"**. Salientando a importância e o sentido da reflexão sobre a religiosidade popular, que como ontem continuará a existir também amanhã, especificou a sua caracterização e o enfoque sob o qual a considera na palestra: sua caracterização deve ser procurada em aspectos propriamente religiosos antes que numa referência à classe social; focaliza o estudo dentro de uma visão do meio religioso interno ao fenômeno, ou seja dos seus elementos internamente religiosos. Neste sentido ele é visto em sua dimensão própria. Fatores de ordem social entram, não como determinantes, mas como condicionantes, na medida em que modificam o contexto social onde se insere a religiosidade popular. Em contexto tradicional e fechado, esta encontra formas de expressão, dadas e prontas. Em

contexto neutro e aberto, ela se acha livre, podendo então expandir-se em formas diversificadas, aqui no catolicismo, ali no pentecostalismo, ou ainda no espiritismo. Frei Rolim tenta também mostrar que na passagem de um grupo para outro, há mudanças de sinais e de formas religiosas. Mas o tipo de religiosidade não parece estar afetado. Há um substrato religioso comum que permanece e assume formas e sinais religiosos diferentes. O conferencista procurou, durante a sua palestra, desvelar também os valores autenticamente religiosos presentes à religiosidade popular.

P. Benno Brod S. J., formado em Catequese e Pastoral pelo Instituto **Lumen Vitae** de Bruxelas, Diretor do Instituto Pastoral Sul 3, de Porto Alegre e professor de Teologia Pastoral desenvolveu o fenômeno dos **"Messianismos no Brasil"**. De acordo com a exposição sintética de Benno, os movimentos messiânicos, muito numerosos no decorrer da história, tanto no mundo inteiro como, especificamente no Brasil, são tentativas de instaurar na terra, de maneira violenta ou não, um reino de paz, fraternidade e bem-estar. Eclodem quase sempre em períodos de grandes instabilidades e desequilíbrios sociais, econômicos, políticos, culturais ou religiosos. Despertando o inconsciente coletivo para um corpo de esperança e profecias, a respeito de uma época de paz e bem-estar, o líder-messias aglutina ao seu redor um grupo social insatisfeito e o leva a buscar ou a implantar, em nome de Deus, esta época privilegiada. São conhecidas as peregrinações constantes de populações indígenas do Brasil, principalmente dos grupos tupi-guaranis, em busca de uma

"terra sem males". No Império e República se sucederam, quase ininterruptamente, movimentos messiânicos de populações brasileiras. Ainda não terminaram e, com certeza, não terminarão. A Igreja, que deve fazer das "alegrias e esperanças, angústias e preocupações dos homens as suas próprias alegrias e esperanças, angústias e preocupações", deve também ver nesses movimentos a manifestação das necessidades humanas e, portanto, um desafio lançado a seu compromisso com o homem pelo qual Cristo morreu.

Na tarde do segundo dia, as atenções foram polarizadas pelo aspecto institucional ou estrutural da missão da Igreja. **P. Jesus Hortal S. J.**, Doutor em Direito Canônico, professor de Teologia Dogmática e de Direito Canônico na Faculdade de Teologia Cristo Rei e no ISTEP de Goiânia, falou sobre as **"Instituições eclesásticas e evangelização no Brasil"**. Sem esgotar o mistério da Igreja, as estruturas eclesásticas incidem necessariamente sobre sua ação concreta neste mundo. Daí a necessidade de repensá-las constantemente. Hortal deu-nos uma rápida visão sobre as estruturas de que a Igreja se serviu no Brasil para levar a mensagem evangélica aos homens. Da história e do momento atual, tirou também algumas possíveis lições para o futuro. Frisou, em primeiro lugar, o condicionamento ibérico das estruturas, como aliás de todo catolicismo brasileiro. De um modo específico, apresentou isso na organização territorial eclesástica: origem, evolução, condicionamentos e estado atual das dioceses e paróquias. A seguir, o conferencista examinou as tentativas de criação de estrutu-

ras originais eclesiais no Brasil, em relação aos índios (doutrinas, aldeamentos e reduções) e aos negros. Passou depois a estudar as estruturas supradiocesanas, nomeadamente as conferências episcopais, em sua história desde os fins do século XIX. Focalizou especificamente a CNBB, mostrando as linhas mestras de sua evolução, a contribuição para a evangelização e os obstáculos que tem encontrado. A seguir falou sobre as associações dos leigos, suas contribuições, limitações e dificuldades que atualmente existem. Na última parte da palestra, Hortal procurou examinar a questão dos textos legais, que regeram e regem a vida eclesiástica brasileira. O conferencista terminou afirmando que a tarefa que desafia hoje a Igreja do Brasil é a procura de uma estrutura eclesial de base, onde o leigo encontre seu lugar próprio, sem usurpação de funções, mas também sem renúncia àquelas que lhe são próprias.

Uma concretização histórica desta estrutura no momento atual são, sem dúvida alguma, as comunidades de base. **P. Affonso Gregory**, licenciado em sociologia pela universidade de Lovaina, e Diretor do CERIS, desenvolveu o tema relativo às "**Comunidades de Base**". Gregory, apresentando os elementos constitutivos, de uma comunidade de base apontou para os elementos constitutivos de uma comunidade de base eclesial. Nesta linha, a comunidade de base, como um núcleo, relaciona-se com a Igreja, sinal e sacramento. Entre outras características desta comunidade apontou para a sua realidade central: Cristo ressuscitado e a conseqüente fé de todos os seus membros em Cristo. Pesando as dificuldades e os valo-

res das comunidades de base, indicou o seu lugar e sua possível contribuição para a missão da Igreja no Brasil.

A Igreja procura oferecer a mensagem da fé, do amor e da esperança, de um Deus que se encarnou, ao homem de nossos dias, dentro de uma realidade concreta sócio-político-econômica, realidade que é um desafio à missão da Igreja, principalmente porque a esta missão pertence inseparavelmente uma missão social. A manhã do terceiro dia foi dedicada ao estudo desta missão. **P. Fernando Bastos de Ávila S. J.**, Doutor em Ciências Políticas e Sociais pela universidade de Lovaina, Diretor do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES) e membro da Associação Internacional para o Estudo Científico da População, com suas colocações mostrou qual é "**A missão social da Igreja hoje**". Ávila partiu da consciência que a Igreja tem de sua missão social, também no Brasil. Depois que Deus morreu pelo homem, não é possível a ela não levar a sério o homem concreto e total. Uma vez que a atuação direta da Igreja no social se reduz na medida em que a sociedade civil, o Estado, assume, neste campo, maiores responsabilidades, qual é a missão social específica da Igreja hoje no Brasil, como aliás no mundo? O conferencista a resumiu numa tríplice função: a função crítico-profética, o testemunho do amor e o testemunho da esperança. Concentrou sua atenção na primeira função, que a seu ver se exerce tanto ao nível dos modelos, quanto ao nível dos processos. O Brasil hoje, em resposta ao desafio do desenvolvimento, adota um determinado modelo econômico, no con-

texto de um determinado modelo político. Não cabe à Igreja propor eventuais modelos alternativos, mas, como povo de Deus, cabe-lhe interpretar e explicitar as dores e esperanças do homem concreto, em função do qual se pretende montar qualquer modelo. Fiel à sua missão profética, ela formula, sobre ambos os modelos, as indagações essenciais sobre o risco de distorções que comprometam a consecução das metas visadas por aqueles mesmos que os elaboram. Sobre os processos que permitam a implementação dos modelos, a Igreja os pondera tanto do ponto de vista ético, quanto do ponto de vista de suas chances históricas. Entre as amplas pistas de um gradualismo não conformista e de uma contestação violenta, ela vê aberta a grande vertente para a qual podem desaguar os dinamismos de todos aqueles que desejam sinceramente o desenvolvimento integral do Brasil.

Entre as linhas mestras da missão da Igreja no Brasil, conferências anteriores apontaram, entre outras, a missão profética. **P. Urbano Zilles**, Doutor em Teologia pela Universidade de Münster, professor de Teologia na PUC de Porto Alegre e na Faculdade de Teologia Cristo Rei, abordou especificamente **"A missão profética dos cristãos"**. Partindo da fé de que a Igreja de Cristo surgiu e subsiste na e pela força do Espírito Santo, e de que, na unidade do dom do Espírito, existe a diversidade dos carismas, dentre os quais o da profecia é um, Zilles desenvolveu na primeira parte a missão do profeta no Antigo Testamento e apresentou na segunda a Jesus Cristo como profeta. Ficaram assim expostas as características, os condicionamentos e missões do profeta

na concreticidade histórica e no seu relacionamento a Deus. Na terceira parte, o conferencista desenvolveu, em grandes traços, "a missão profética na e da Igreja", desde os tempos apostólicos e através dos séculos até as posições do Vaticano II. Na última parte, Zilles falou sobre a "função profética dos cristãos hoje", assinalando a absoluta necessidade da renovação permanente da Igreja na fé, numa fé comprometida com a realidade e com o Deus do presente e do futuro, unida ao testemunho vivo desta mesma fé. Em itens posteriores, o conferencista relacionou o carisma profético com o carisma do magistério e com a promoção humana. Concluindo, resumiu em breves traços a missão do profeta.

P. Oscar Müller, licenciado em Teologia e há anos orientador espiritual, discorreu sobre **"a missão dos religiosos na conjuntura atual do Brasil"**. P. Oscar, num primeiro momento, apontou para "a missão especial dos religiosos na Igreja": a exemplo de Cristo, realçar, tornar visível a orientação a Deus, (orientação que é comum a todo cristão) principalmente mediante a vivência dos conselhos evangélicos da pobreza, castidade e obediência. Insistiu no amor a Deus, unido inseparavelmente ao amor do próximo, concretizado no serviço, na dedicação aos outros em disponibilidade radical. Se esta é a missão dos religiosos, contudo a sua concretização ela a recebe da situação atual do mundo, e no caso especial da situação do Brasil. Aponta algumas tendências no que toca à relação do homem com as riquezas, com o bem-estar, com a paz (tendência social); com o sexo e com Deus. Na última parte de sua apre-

sentação, Oscar confrontou as linhas fundamentais da vida religiosa com as tendências da atual conjuntura do Brasil e concluiu que a vida religiosa é de grande atualidade e indicou algumas linhas mestras para sua missão concreta no Brasil, para a sua vida em nosso país.

As duas últimas palestras, previstas pelo programa, — **"A missão da Igreja na perspectiva da libertação"** e **"A missão dos leigos: situação atual e perspectivas"** — foram desenvolvidas, numa unidade, na manhã do quarto dia da "Semana", por **Dom Candido Padin**, Bispo de Bauru, Doutor em Filosofia, Presidente do Departamento de Educação do Conselho Episcopal Latino-Americano e Consultor da Sagrada Congregação para a Educação Católica.

D. Candido, tendo partido tanto da constatação da importância da missão liberadora da Igreja, como da freqüente distorção de perspectivas e de falta de seriedade em abordá-la, encarou esta missão em sua correlação com o eterno desígnio de Deus a respeito dos homens. Este desígnio do amor transbordante de Deus é o de ter convidado, desde toda a eternidade, a todos os homens a participarem, unidos entre si e em Cristo, da intimidade da vida intratrinitária. Este convite Deus o realiza a homens livres e responsáveis, o que implica a possibilidade e o risco da frustração do plano de Deus. Uma vez que o homem de fato frustrou e frustra o plano divino, Cristo não é só aquele que possibilita a união dos homens com o Pai e os homens, mas é simultaneamente aquele que possibilita ao homem de libertar-se de tudo que impeça esta comunhão,

possibilita ao homem a libertação da morte e do pecado, não só no fim dos tempos, mas desde agora na historicidade humana, no dia-a-dia da vida. Em outras palavras, Deus, por Cristo, é comprometedor. Comprometedor enquanto Ele se compromete com os homens pela encarnação-redenção, em toda sua amplitude, para que os homens, em Cristo, sejam liberados da morte e do pecado e alcancem a união entre si e com Deus. Comprometedor, também, enquanto Seu compromisso compromete aos homens a realizarem efetivamente, com Cristo e por Cristo a mencionada libertação e comunhão. D. Padin focaliza o mesmo tema e o faz avançar empregando a categoria bíblica da "conversão". A conversão dos cristãos não é uma conversão a idéias, mas à pessoa de Cristo, de união a Cristo. Esta conversão não pode ser alienante, não é conversão a um cristianismo concebido como apólice de seguro, como garantia de dominar as más paixões, como confortadora nas horas difíceis, como compensadora de frustrações individuais. Conversão a Cristo significa necessariamente comprometer-se com os homens, promovê-los, liberá-los de tudo que os desumaniza, marginaliza e diminui; de tudo que é morte e pecado. Este compromisso não pode restringir-se aos cristãos, mas a todos os homens, porque Cristo se comprometeu com todos os homens. A conversão-compromisso não pode ser meramente individual, mas a comunidade cristã há de ser sinal eficaz de compromisso com os homens para liberá-los de toda e qualquer morte, opressão, dominação, pecado individual e social. D. Candido insiste nesta

liberação do pecado social, do pecado institucionalizado, que aos poucos se torna inconsciente. É necessário que o cristão e a comunidade cristã se conscientizem deste pecado para poderem libertar-se dele.

Referindo-se especificamente aos leigos, dentro de toda esta missão libertadora da Igreja, D. Candido a vê no assumir a corresponsabilidade desta missão, tanto "ad intra", como "ad extra". E volta a insistir em que os leigos assumam e promovam não formas alienantes de conversão, ou reduzidas só a algumas dimensões do homem, mas que atinjam todas elas, desde a familiar até a econômica, política e social. Dá também realce à função crítica, isto é, de discernimento, ante todas as formas atuais de promoção do homem.

Finalizando, D. Padin salientou que a missão da Igreja, como Igreja, no que toca às reformas sociais, não é a de ter, nem identificar-se com algum projeto temporal concreto, mas o de iluminar os caminhos possíveis e animar, impulsionar e fecundar as iniciativas, e assim ser livre e libertadora.

Após a palestra de D. Candido, como já se havia feito cada vez após as palestras dos outros conferencistas, houve pedidos de esclarecimentos, troca de idéias da plateia com o conferencista.

A semana, com as colocações dos conferencistas, com as reflexões em comum e troca de idéias, alcançou o objetivo visado: detectar algumas linhas mestras da "Missão da Igreja no Brasil".